

A presença de personagens portuguesas no romance *Maurício ou os paulistas em São João del Rei* de Bernardo Guimarães
Portuguese characters in the novel *Maurício ou os paulistas em São João del Rei* by Bernardo Guimarães

HUGO LENES MENEZES¹

Resumo: O diálogo da cultura brasileira com a cultura do exterior é acentuado. Aqui, a arte verbal é um legado do colonizador europeu. Por isso, as manifestações literárias iniciais do Brasil são encaradas como ressonâncias das metrópoles. Embora tal diálogo diminua depois de uma maior penetração da cultura francesa no século XIX, Brasil e Portugal continuam parceiros. Então, no presente artigo, abordamos a presença de personagens portuguesas no romance *Maurício ou os paulistas em São João del-Rei*, do autor romântico brasileiro Bernardo Guimarães.

Palavras-chaves: Personagens portuguesas; romance histórico *Maurício*; Bernardo Guimarães; romance costumbrista.

Abstract: There is a dialogue between foreign countries and Brazilian culture. In Brazil, the verbal art is a legacy of the European colonizers. Therefore, our initial literary manifestations are seen as resonances of the metropolis. Although such dialogue decreases after a greater influence of the French culture in the nineteenth-century, Brazil and Portugal remain partners. So, in this article, we approach the presence of Portuguese characters in the novel *Maurício ou os paulistas em São João del-Rei*, by the Brazilian romantic author Bernardo Guimarães.

Keywords: Portuguese characters; historical novel *Maurício*; Bernardo Guimarães; costumbrist romance.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI).

1. Bernardo Guimarães: prosador folhetinista

Os intelectuais brasileiros, quando reproduzem os modelos franceses do romance-folhetim, não se limitam a uma imitação estrutural, pois chegam a demonstrar, também, interesse pelos ideais políticos e sociais que aqueles modelos veiculam, embora com a preocupação de nacionalizar os problemas debatidos. Esse é o caso de Bernardo Guimarães, que não copia servilmente nenhum modelo do antigo continente. Ao contrário, demonstra talento especial para a pintura da cor local, ao valer-se sempre de temática diversificada, mas brasileira e, o mais importante ainda, em geral descreve, com detalhes, *backgrounds* ou *settings* (cenários) por ele conhecidos pessoalmente. A exceção identificamos nos romances *A escrava Isaura* (1875), situado no interior do Rio de Janeiro, *A ilha maldita ou A filha das ondas* (1879), subtintulado *Romance fantástico*, situado numa fictícia aldeia litorânea, e um livro de contos situado no Amazonas, *O pão de ouro* (1879), com o qual se consolida a imagem ou conceito bernardiano² de perfeito *conteur*.

==

² Embora, em trabalhos acadêmicos, deparemos com o uso do vocábulo «bernardino» como o adjetivo concernente ao autor mineiro ou próprio da sua obra, optamos, como o faz, por exemplo, Hélio de Seixas Guimarães e Heleno Álvaro Bezerra Júnior, pelo qualificativo «bernardiano», empregado igualmente com referência ao escritor goiano Bernardo Élis. Além disso, o termo «bernardino» assume, também, uma conotação pejorativa no sentido de indivíduo comilão, guloso, hábito dito típico de monge da Ordem de Cister, fundada por São Bernardo de Clairvaux.

Tais obras, presumimos serem as únicas de mera fantasia do prosador das Alterosas.

A ele cabe a primazia de introduzir entre nós o romance regionalista, ao tempo em que incorpora à arte verbal «um rico patrimônio de informações humanas» (Teles, 1969: 8), a partir do homem interiorano, nos seus diversos tipos e características étnicas³, como o latifundiário, o estancieiro, o feitor, o vaqueiro, o matuto, o caboclo do sertão, o tropeiro, o garimpeiro, o cafuzo e o mameluco, além de introduzir o negro e o mestiço quilombolas. Por isso, o crítico literário Paulo Dantas sublinha que Bernardo Guimarães tem «a paixão ambiciosa de retratar gentes e paisagens, costumes e histórias, lendas e narrativas, fatos e cenas típicas de um ciclo que podemos chamar "ciclo dos casos rudes e sentimentais do Brasil no tempo da escravidão"» (Dantas, 2005: 168). Outrossim, de leitor de folhetim do exterior, o literato em análise passa a ser um dos nossos maiores cultivadores do gênero. Aliás, ele compõe toda a sua prosa de ficção segundo o espírito folhetinesco e tem por um dos principais traços estilísticos a fluência, mediante uma linguagem desataviada. Ao pretender falar às massas, o ouropretano aspira a expressar pensamentos e emoções por meio de

==

³ Entendemos aqui etnia como um grupo de indivíduos identificados uns com os outros, ou reconhecidos enquanto tal por terceiros, com base em similitudes culturais e/ou biológicas, reais ou presumidas.

um instrumento linguístico mais ágil, que José Guilherme Merquior reconhece como:

[...] muito permeável aos saborosos termos e expressões do interior, um pouco ao jeito da novelística regionalista de George Sand (*La mare au diable*, de 1848, *Les maîtres sonneurs*, de 1853). A atenção ao falar pitoresco e vivo contribuiu, nos seus melhores volumes, para conter uma das piores pragas do estilo folhetinesco: a ênfase declamatória dos diálogos. (Merquior, 1996: 121)

Em síntese, o prosador das Minas Gerais firma-se como um oralista, evoca-nos as obras mais espontâneas de um José Lins do Rego e deve figurar junto aos autores populares, que se encontram entre o folclore e a chamada literatura culta de matriz europeia. Não esqueçamos que, em terras brasílicas, a literatura se inicia como um legado do colonizador. Durante longo período, ela é apenas uma ressonância das metrópoles do Velho Mundo. Por uma opção estética, posteriormente também adotada pelo Modernismo, Bernardo Guimarães procura diminuir a distância entre a linguagem artística e a cotidiana, com vistas a tornar a arte mais próxima do povo. Nesse ponto, o nosso homem de letras, classificado por Otto Maria Carpeaux como «romancista alencariano» (Carpeaux, 1955: 91); por Alceu Amoroso Lima, como «uma espécie de José de Alencar regional» (Lima, 2001: 298) e pelo supracitado José Guilherme Merquior como «um *pendant* rústico da prosa de Alencar» (Merquior, 1996: 121), acompanha

o romântico cearense na busca de uma linguagem mais solta, achegada do falar da variada população nacional.

Por outro lado, não podemos esquecer que Bernardo Guimarães detém preparo intelectual (inclusive, gradua-se em Direito e exerce o jornalismo). Como bem observa Ednaldo Cândido Gomes: «O pedido de perdão para a não erudição do texto é somente uma fina ironia, já que em vários momentos recorre a letrados estrangeiros para justificar os seus juízos» (Gomes, 2007: 106). Se a sua linguagem, «ressaltada a formação culta bacharelesca, aspira à oralidade, à coloquialidade» (Olivieri, 2003: 10-11), nas suas narrativas, ao lado de trechos espontâneos, a sofisticação sobressai, por exemplo, na ordem com que os fatos são organizados e conduzidos, ou seja, numa ordem não linear, calcada em avanços e retrocessos. O escritor de Ouro Preto possui uma vasta e diversificada produção literária: cultiva a ficção urbana, a regionalista-sertanista, a indianista e a histórica. Dessa última modalidade, ele e José de Alencar são os principais representantes no Brasil.

Lembramos ligeiramente que, dado o seu grande sucesso literário, o criador de *A escrava Isaura* chega a ser homenageado por D. Pedro II e inicia, a pedido do monarca, uma *História de Minas Gerais*, que fica inconclusa, devido ao falecimento do autor em 10 de março de 1884. Mesmo nos romances que não se centram na reconstituição de um fato pontual do passado

do Brasil, Bernardo Guimarães revela-se um literato sintonizado com o seu contexto histórico, ao focar questões factuais polêmicas, a exemplo da escravidão. E dentre os seus romances históricos, merecem destaque *Maurício ou os paulistas em São João del-Rei* (1877) e *O bandido do Rio das Mortes* (1905).

2. Lusitanos num romance de Bernardo Guimarães

Maurício ou os paulistas em São João del-Rei é inicialmente impresso na comuna francesa do Havre e tem a sua edição *princeps* efetuada pela Casa Garnier, no Rio de Janeiro (RJ), em dois tomos de 340 e 294 páginas, na devida ordem. A narrativa enfocada ocorre no tempo dos chefes expedicionários conhecidos como bandeirantes, praticamente todos brasileiros paulistas, de ancestrais ibéricos, predominantemente lusos, que cuidam de expandir as suas explorações. Posteriormente à edição *princeps*, *Maurício* e *O bandido do Rio das Mortes* voltam ao mercado apenas em 1941, pela Editora Universitária e pela Loja Brigueit. No tocante ao século atual, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e mediante o Projeto Associação Acervos Literários: Biblioteca Virtual, do Centro de Estudos Literários Luso-Brasileiros (CELLB) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), ambas as narrativas retromencionadas são digitalizadas sob a consultoria em informática de Igor Guedes de Carvalho, sendo atua-

lizadas ortograficamente e publicadas em edição eletrônica por Leopoldo Comitti em 2005, ano em que saem do prelo num volume único da Editora Itatiaia.

O livro em epígrafe se filia como subgênero ao romance histórico, a exemplo de *O guarani* (1857), *As minas de prata* (1865-1866) e *A guerra dos mascates* (1873), de José de Alencar, que, por sua vez, segue os passos do lusitano Alexandre Herculano, introdutor de tal ficção em vernáculo.⁴ Além de pertencerem ao gênero histórico, a obra *Maurício* e o seu seguimento, o romance póstumo *O bandido do Rio das Mortes*, apresentam enredos costumbristas, cujos hábitos populares o escritor ouropretano conhece bem – as práticas religiosas trazidas de Portugal para o Brasil nos tempos coloniais, ilustradas em *Maurício*, pela menção a um exorcista luso de Santarém, que usa cordão bento de São Francisco, e a menção a lusitanos que, diante de uma desconhecida cobra jiboia, rezam a oração de São Bento, que age contra animais venenosos. Inclusive, no processo de elaboração de semelhantes relatos estético-verbais, Bernardo Guimarães percorre minuciosamente todo o cenário em busca de informações a respeito dos seus costumes,

==

⁴ A coletânea *Lendas e narrativas* (1851), de Alexandre Herculano, pode ter sido a inspiração para o título *Lendas e romances* (1871), de Bernardo Guimarães, assim como a Casa de Pedra, ou Gruta de Calcária Irabussu, em *Maurício*, nos traz à memória a Caverna ou Gruta Covadonga no herculiano *Eurico, o presbítero* (1844).

tradições e linguagem, que inclui ditados portugueses, como «plantar verde para colher maduro» e «tão boa é a corda, como a caçamba».⁵

Nesse contexto, estamos igualmente no tempo da Guerra dos Emboabas, travada entre 1707 e 1709 no Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, depois São João del-Rei, localidade assim nomeada em homenagem a D. João V, rei de Portugal, episódio histórico ainda aproveitado, como pano de fundo, por dois romancistas também brasileiros: Júlio Ribeiro, no século XIX, em *Padre Belchior de Pontes* (1867-1868), e Diná Silveira de Queirós, na centúria passada, em *A muralha* (1954). Tal conflito acontece entre duas frentes. Uma é a paulista, dos chamados seretanistas coloniais, seus índios e africanos convertidos, companheiros do protagonista Maurício, sob a liderança de Borba Gato. A outra é a luso-nordestina ou dos forasteiros, os emboabas, liderados pelo rico comerciante português Manuel Nunes Viana, radicado ainda jovem na Bahia. A segunda frente é majoritariamente de aldeões lusos, como «o Minhoto», do romance *Maurício*. Vejamos:

Davam-lhe esse nome os seus patrícios por ser o único da terra do Minho, que andava

==

⁵ Na mesma esfera, «[...] as inúmeras notas tomadas a historiadores que Alencar introduziu em *O guarani* no intuito de lhe conferir uma sólida base documental vieram, por assim dizer, fornecer *munição* a críticos que viam nessa atitude a confirmação do seu desejo de produzir narrativas históricas ou de *costumes*» (Martins, 2000: 32).

entre eles. Era um português de meia idade, corpo grosso e baixo, pernas demasiadamente curtas em relação ao tronco, enorme carão pálido e comprido. Como era de hediondo crânio pelado e amarelo, usava uma peruca mal arranjada, que lhe dava ao rosto, grosseiramente talhado, visos de um cepo coberto de capim. Além desses dotes corporais, com que o dotara o céu, era de caráter baixo, aleivoso, intrigante e, portanto, o alvo do ódio dos paulistas, sem ser bem quisto dos emboabas. Em compensação de tão belas qualidades, tinha ele sabido adquirir, por meio da usura e rapacidade, alguns bens de fortuna, o que, a despeito de ser ele da mais baixa extração, dava-lhe entre os patrícios certa posição algum tanto respeitável. O próprio capitão-mor, que já o conhecia de São Paulo, o tratava com alguma consideração. (Guimarães, 2005: 36-37)

A causa da Guerra dos Emboabas reside na corrida por ouro e diamantes entre os paulistas, aventureiros vicentinos, ou da capitânia de São Vicente, onde hoje se encontra São Paulo, e os emboabas, nome pelo qual os primeiros chamam, pejorativamente, no sentido de forasteiros, todos os que não são da Capitania e que, na maioria, são portugueses não participantes das expedições à procura das jazidas. Os paulistas reivindicam a exclusividade de exploração das minas por eles recentemente descobertas na aludida região, como vemos no romance *Maurício*. Este, aliás, registra o mais trágico e emblemático episódio de tal confronto, o do «Capão da Traição», em que oficialmente os mesmos paulistas, ainda que rendidos, são emboscados, encurralados e

massacrados, próximo ao Rio das Mortes, por parte dos usurpadores lusitanos.

Subsequente ao grande sucesso de público do autor mineiro, qual seja o *best-seller* *A escrava Isaura* (1875)⁶, o livro *Maurício* mantém-se no viés folhetinesco, com enredo denso e muitas personagens com diversidade étnica, embora o seu autor, parceladamente, estampe em periódicos apenas dois romances: *O ermitão de Muquém*, no jornal *O Constitucional*, de Ouro Preto (MG), entre 1866 e 1867, com edição em livro no ano de 1869; e *O índio Afonso*, no jornal *A Reforma*, do Rio de Janeiro (RJ), em 1872, com edição em livro no ano de 1873. Já naquela época, em termos mercadológicos de produção e demanda, numa atitude igual à de hoje, logo depois do êxito de uma história ficcional junto ao leitorado, os autores podem elaborar uma ou mais de uma continuação do livro, lançado pelos editores ao lado da venda de títulos diversos do mesmo literato. À guisa de exemplo, temos o romance bernardiano *O bandido do Rio das Mortes*, dado a lume pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais numa edição conjunta em seguimento e conclusão à obra *Maurício*, que isoladamente carece de consumação epi-

—

⁶ Esse romance é transposto, bem sucedidamente, para outros códigos criativos, como filmes, radionovelas, telenovelas, peças de teatro, cantorias de viola e histórias em quadrinhos. Modernamente, a transposição de um sistema significativa para outro — do discurso literário ao cinema ou à TV, por exemplo — é entendida como tradução intersemiótica. Ver Plaza (2003).

logal, pois o incidente histórico e o destino das principais personagens ficam em aberto. Daí o fato de a trama de *Maurício*, nas linhas finais de seu derradeiro capítulo, apresentar o anúncio de uma sequência, *O bandido do Rio das Mortes*, em que o folhetim é desenlaçado, com o esperado final feliz.

Como quase todos os demais romances bernardianos, à exceção de *O garimpeiro* e *O seminarista*, ambos de 1872, durante muito tempo depois na memória nacional, *Maurício* e o seu seguimento permanecem invisibilizados pela celebridade constante de *A escrava Isaura*, inclusive sobre a narrativa *Rosaura, a enjeitada* (1883), a qual configura, na presente conjuntura, o outro romance da chamada questão servil ou das ditas *cenhas da escravidão*. Dessas, por sinal, sobre o também invisibilizado romance abolicionista *Fantina* (1881), do bacharel em Direito e futuro político Francisco Coelho Duarte Badaró, conterrâneo de Bernardo Guimarães — que é a sua maior referência —, o nosso literato emite parecer favorável na carta-prefácio que ele assina na edição *princeps*.⁷ Semelhante livro ganha, em 2019, nova edição pela Chão Editora. O historiador brasileiro Sidney Chalhoub, que, durante 30 anos leciona na Universidade Estadual de

—

⁷ O crítico literário Hélio de Seixas Guimarães ressalta que: «No livro de Duarte Badaró ouvem-se ecos bernardianos do romance *A escrava Isaura*, do conto “Uma história de quilombolas” e dos versos da “Orgia dos duendes”, a certa altura entoados pelas personagens de *Fantina*» (2019: s.p.)

Campinas (UNICAMP), da qual continua como colaborador, e que desde 2015, nos Estados Unidos da América (EUA), é professor dos departamentos de História e de Estudos Africanos e Afro-Americanos na Universidade de Harvard, onde mantém vínculo ainda com o Departamento de Línguas e Literaturas Românicas, assina o alentado posfácio da nova edição de *Fantina. Cenas da escravidão*, cuja importância demonstra:

No Brasil, diferentemente dos Estados Unidos e da Inglaterra, por exemplo, o abolicionismo teve pouco a ver com a Igreja. A alta hierarquia da Igreja Católica se fez de morta durante todo o período do movimento abolicionista. Por isso, a literatura romântica (romance, poesia, teatro) foi decisiva para criar um repertório moral de condenação à escravidão. Aí entram *A escrava Isaura* e *Fantina*, entre outros. Uma das maneiras de levar adiante a causa abolicionista era enfatizar o que havia de abuso sexual e violência contra as mães e mulheres escravas. É interessante pegar um romance como o de Badaró e entender como a luta pela abolição envolveu uma denúncia. Outra faceta que *Fantina* desperta é a questão sobre o embranquecimento das personagens escravas, algo que se pode notar no trecho em que Daniel recebe o seguinte conselho: «[...] que furtasse a rapariga e fosse para bem longe; que ela era clara, bonita e bem-educada; ninguém a tomaria por escrava fugida». Porém, tal fala não era novidade, ainda mais tendo em vista o fato de o escritor ser admirador de Bernardo Guimarães, que escreveu uma apresentação do seu livro e foi autor de

A escrava Isaura, cuja personagem era retratada como branca. (apud Menegetti, 2019: s.p.)

No caso particular do bernardiano romance *Maurício*, cuja designação nos remete ao protagonista-título, esse último, belo, galante e inteligente, odeia os emboabas, assim como outras personagens do folhetim em pauta, pela crueldade com que tratam os indígenas e os negros. Aliás, o romance *Maurício* mostra um hercúleo africano escravizado que, vítima das agressões físicas e morais do seu proprietário lusitano, tira-lhe a vida, organiza um quilombo e põe-se ao lado dos aventureiros paulistas. Estes reconhecem no mineiro Maurício um desvalido órfão. Como o seu pai morre numa expedição ou Bandeira de D. Diogo Mendes, agora capitão-mor de São João del-Rei, o pequeno é recolhido pelo intitulado fidalgo português; que:

Era um homem dos seus cinquenta e tantos a sessenta anos, de estatura regular, robusto, reforçado e mesmo valente. Já se tinha distinguido no seu país na carreira militar, quando veio para o Brasil, e estabeleceu-se na Capitania de São Vicente, onde em breve adquiriu considerável riqueza e casou-se com uma gentil paulista, de quem teve diversos filhos, entre os quais eram os últimos Afonso, falecido na Guerra dos Emboabas às mãos de Maurício, e Leonor, amada por esse. Os filhos mais velhos há muito que se haviam desgarrado do ninho paterno. Quanto à moral, era um desses caracteres mui cedidos em todas as histórias e romances de todos os tempos, muito comum

nos séculos passados, e que ainda hoje não são raros. Zeloso ao último ponto da sua fidalguia, enfatizado de pertencer à pátria de Fuas Roupinho, João de Castro, Albuquerque e outros lidadores por glória, tinha para si que a nobreza do nascimento é o primeiro dote do homem, e o valor marcial, a principal virtude. Posto que avezado a atos de mando e despotismo, nem por isso era de más entranhas, e aninhava no coração sentimentos de humanidade e às vezes mesmo de generosidade. (Guimarães, 2005: 27)

Assim, decide proporcionar educação ao órfão Maurício, enquanto um preparo à carreira eclesiástica, com a qual o jovem não se identifica. Porém, ao conhecer-lhe melhor as tendências aventurosas e atributos dos chefes de expedição, apesar de reconhecer entre esses uma frequente rivalidade no interior aurífero, Dom Diogo Mendes introduz o rapaz numa bandeira de saída para as minas, através do que Maurício se associa, entre outros, ao explorador colonialista Amador Bueno, a quem é atribuído sentimento identitário para com os paulistas e pretensa índole benévola.

Hoje se contradiz tal índole e apontam-se, nos então sertanistas, torpes homicídios e latrocínios, típicos do rival de Amador Bueno, o bandeirante Caldeira Brant, comparsa de um também aliado dos emboabas e personagem antagonista, não só na guerra, de Maurício. Isso porque o jovem mineiro disputa a citada filha de D. Diogo Mendes à cobiça do adversário. Falamos do intitulado fidalgo português

D. Fernando, sobrinho do capitão-mor e o grande vilão da história. Gentil e letrado, acompanha o tio como secretário pessoal, mas só pela ambição da sua riqueza e posto, a serem obtidos ao desposar a prima, com o aval do pai dela. E já a chegada de D. Fernando preocupa Maurício, visto que:

Leonor, sem mãe, estava confiada unicamente aos cuidados de uma portuguesa, mulher algum tanto idosa, que desde a infância lhe servia de aia. Essa mulher, como boa criatura que era, desempenhava sempre com pontualidade os deveres de criação particular da menina, mas não tinha aquele zelo e dedicação, aquela solicitude e afeto maternal, de que tanto hão mister as moças quando chegam a essa quadra da vida, em que o coração vai devassando um mundo novo e desconhecido, cheio de flores e harmonias, mas também todo cortado de abismos e despenhadeiros. A aia, porém, velha celibatária, que nunca tivera outros amores mais do que o seu rosário e o seu livro de orações, desconhecia esses perigos e, como boa e fiel servente, contentava-se em desempenhar fria e maquinalmente os seus deveres materiais. Confiada à inexperiência e indiferentismo dessa mulher, e à descuidosa e cega confiança do capitão-mor, pode-se dizer que Leonor estava entregue a si mesma, e não tinha outro escudo senão o seu pudor, a energia e nobreza da sua alma para amparar-se dos perigos, de que a rodeava a paixão insensata e desordenada do seu parente debaixo do mesmo teto. Na exaltação do seu amor puro e desinteressado, o cavalheiroso Maurício entendeu que, uma vez que nenhuma esperança lhe restava de ser esposo de Leonor,

devia ser ao menos o seu gênio tutelar, velar constantemente sobre ela, amparando-lhe a vida e a honra. (Guimarães, 2005: 67)

Semelhante relação de vassalagem amorosa nos lembra em *O guarani* (1857), mencionado romance histórico alencariano: o amor de um «herói invencível que desafia todos os perigos para proteger a sua senhora ou satisfazer os seus desejos» (Martins, 2000: 25). Herói esse chamado Peri, um índio goitacá igualmente cavalheiroso, apaixonado pela filha daquele para quem representa «um cavalheiro português no corpo de um selvagem» (Alencar, s.d.: 102). Referimo-nos ao intitulado fidalgo lusitano D. Antônio de Mariz, que, após bons serviços prestados à metrópole, se abriga, no período do domínio espanhol, em vasto solar de brasão na Serra dos Órgãos, interior do Rio de Janeiro (RJ).⁸

E a aludida filha de D. Antônio de Mariz é D. Cecília, ou a meiga Ceci, cobiçada por um ex-frei italiano, o mau-caráter Loredano, também para usurpar-lhe o patrimônio, em analogia, na bernardiana narrativa *Maurício*, com o vilão D. Fernando. Esse, no final em aberto retromencionado, desfavorável ao protago-

nista, convence perfidamente Leonor de que o amado dela é o assassino do seu irmão Afonso. Com um bando de emboabas, agentes do cerco de São João del-Rei, é um traidor do seu pai, a maior autoridade do arraial, de onde Maurício sai na condição de um foragido, que vaga um pouco com o adotado nome de Gaspar. E D. Fernando ainda vai dar à prima a falsa notícia da morte de alguém que, a despeito de tudo, Leonor não esquece.

Maurício, na continuação do romance, torna-se o protagonista-título de *O bandido do Rio das Mortes*. Nesse seguimento, ao assistir com o pai à batalha final do conflito em tela, Leonor, em júbilo, vê que Maurício está vivo, de volta, e na luta à frente dos paulistas. Os emboabas são derrotados e D. Fernando é morto. O protagonista, que, ao contrário do sugerido pelo título, de bandido nada possui, prova a sua inocência perante a família vinda de terras lusas.

D. Diogo Mendes promete fazer de Maurício o seu legítimo filho e abençoa o casal de moços. Por fim, o folhetim em apreço, sob o pano de fundo da Guerra dos Emboabas, não indica propósito separatista entre brasileiros e lusitanos, mas sim cordializante. Lembramos que, dos dois lados, há virtuosos e infames. Inclusive, a nossa figura central serve o pai de Leonor, sem deixar de se colocar ao lado dos patrícios. Em suma, Maurício é um ser entre dois deveres: o nacional, como mineiro e paulista de coração que é, e o de lealdade ao seu dileto português.

⁸ *O guarani*, segundo o seu autor, «[...] representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura e lhe retribuía nos eflúvios da sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido. [...] É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa para continuar no novo mundo as gloriosas tradições do seu progenitor» (Alencar, s.d.: 9-10).

Bibliografia

Impressa

- ALENCAR, J. (2000). *O guarani*. Ateliê Editorial. Cotia;
- ALENCAR, J. (s.d.). Benção paterna. *Sonhos d'ouro*. Melhoramentos. São Paulo;
- CARPEAUX, O.M. (1955). *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro;
- DANTAS, P. (2005). Posfácio de *A escrava Isaura*. Martin Claret. São Paulo;
- GOMES, E.C.M. (2007). *Sutilezas e mordacidades na poética de Bernardo Guimarães*. Tese de Mestrado. PUC-MG. Belo Horizonte;
- LIMA, A.A. (2001). Introdução à literatura brasileira. Em: TELES, G. M. (2001). *O pensamento estético de Alceu Amoroso Lima II*. Educam/Paulinas. Rio de Janeiro;
- MARTINS, E.V. (2000). Apresentação de *O guarani*. Ateliê Editorial. Cotia;
- MERQUIOR, J.G. (1996). *De Anchieta a Euclides: Breve história da literatura brasileira*. Topbooks. Rio de Janeiro;
- OLIVIERI, A.C. (2003). Posfácio de *A escrava Isaura*. Ática. São Paulo;

PLAZA, J. (2003). *Tradução intersemiótica*. Perspectiva. São Paulo;

TELES, G. M. (1969). *O conto brasileiro em Goiás*. Departamento Estadual. Goiânia;

VECHI, C.A. (1998). Prefácio de *A escrava Isaura*. FTD. São Paulo.

Digital

GUIMARÃES, B. (2005). *Maurício ou os paulistas em São João del-Rei*. UFOP/Associação Acervos Literários – Biblioteca Virtual. Ouro Preto. Acedido em 31 de dezembro de 2019, em <http://kk.docdat.com/docs/index-371184.html>;

MENEGETTI, B. (2019, 16 de novembro). Como a literatura ajudou a abolir a escravidão no Brasil. *Estado de São Paulo*. Acedido em 31 de dezembro de 2019, em <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,como-a-literatura-ajudou-a-abolir-a-escravidao-no-brasil,70003086848>;

GUIMARÃES, H. de S. (2019, 1 de dezembro). Sexo e castigo. *Folha de São Paulo*. Acedido em 31 de dezembro de 2019, em <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/l/sexo-e-castigo>.